



# Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

## Literatura



Joaquim Manuel de Macedo  
*Antonica da Silva*



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

*Antonica da Silva*

Joaquim Manuel de Macedo

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

---

Publicado originalmente em 1880.

Livro Digital nº 819 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

**Joaquim Manuel de Macedo**

**(1820 – 1882)**



**Iba Mendes Editor Digital**

**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

# ANTONICA DA SILVA

## BURLETA EM QUATRO ATOS



*Representada pela primeira vez no Rio de Janeiro, no Teatro da Phenix Dramática, na noite de 29 de janeiro de 1880.*

### PERSONAGENS:

JOANA

INÊS

BRITES

PERES

MENDES

BENJAMIM

PANTALEÃO DE BRAGA

FREI SIMÃO

CÔNEGO BENEDITO

CAPITÃO PINA

ALFERES PAULA

SARGENTO PESTANA

MARTINHO (criado)

Cavalheiros idosos e senhoras, dois leigos franciscanos, soldados do regimento de Moura, homens e mulheres, escravos e escravas de Peres.

*A ação se passa na cidade do Rio de Janeiro; época: a do vice-reinado do Conde da Cunha, fins de 1763 a 1767.*

### ATO I

*Sala na casa de Peres: portas ao fundo, e uma, a de entrada, à esquerda; janelas à esquerda e à direita; mobília antiga.*

### CENA PRIMEIRA

*Peres, Mendes, Benjamim, vestido de mulher e de mantilha; alguns homens idosos; Joana, Inês, Brites, e algumas senhoras. Sinais de festim; Peres lê uma carta que traz outra inclusa.*

CORO (*meio abafado*)

A esta hora  
Uma senhora!  
Que será?

Trouxe carta  
Longa e farta:  
Que será?

Há mistério...  
O caso é sério  
Que será?...

PERES (*a Mendes*)  
Compadre, vem ler esta carta.

(*Mendes vai*)

INÊS e BRITES (*curiosas*)  
Será bonita ou feia?...

CORO  
A carta é de segredo,  
Ali anda mexida...

JOANA  
Receio algum enredo.

CORO  
Há mistério...  
O caso é sério  
Que será?...

MENDES (*entregando a carta a Peres*)  
E tu?...

PERES (*a Mendes*)  
Dou-lhe asilo. Então?...

MENDES (*a Peres*)  
E que o diabo leve o vice-rei.

PERES  
Joana, esta senhora é filha de um velho amigo meu, e vem passar alguns dias em nossa casa.

JOANA  
É uma fortuna! (*Vai abraçar Benjamim*)

PERES (*a todos*)  
Questão de casamento que o pai não aprova: a menina há de mostrar-se razoável. O dever das filhas é aceitar os noivos da escolha dos pais. (*Vai conversar com Mendes*)

BRITES (*a Inês*)  
Inês, isto é conosco. Ouviste?

INÊS (*a Brites*)  
Que me importa?... coitadinha da moça... que barbaridade!...

JOANA (*a Benjamim*)  
Porque não tira a sua mantilha?...

BENJAMIM  
Tenho muita vergonha, sim senhora...

JOANA  
Mas é preciso descansar...

(*Curiosidade das senhoras*)



BENJAMIM

Então eu tiro a mantilha, sim senhora. *(Joana ajuda-a)*

BRITES *(a Inês)*

Que cintura grossa...

*(Benjamim muito vexado)*

INÊS *(a Brites)*

Olha o buço que ela tem!

JOANA

A sua idade, menina?...

BENJAMIM

Minha mãe que é quem sabe, diz que tenho dezoito anos.

JOANA

Como se chama?

BENJAMIM

Antonica da Silva, para servir a vosmecê.

MENDES

Toca para a cidade! Minha afilhada, teu pai deu-nos excelente jantar; mas é tempo... recebe minha bênção e dá-me um abraço.

*(Despedidas: as senhoras vão tomar suas mantilhas em quarto vizinho)*

INÊS *(a Brites)*

Jantar excelente!... meia dúzia de velhos, e nem um único moço para a gente entreter os olhos!

*(Despedidas)*

BENJAMIM *(a parte)*



Que peixão de afilhada tem aquele velho! dessa fazenda eu nunca vi nem por amostra em Macacu!

CORO

Agora até mais ver!

Saúde e felicidade

E quem tiver saudade

Que saiba aparecer.

E adeus!

Até outra folgança!

E adeus!...

Até outra festança!

E adeus! adeus!... adeus!

Quem sabe querer bem

O longe torna perto,

E quer mais bem por certo

Quem menos tarde vem

E adeus!...

Até outra folgança!

PERES

Joana, acompanha os nossos amigos!... vão também, meninas. (*Vão-se*)

## CENA II

*Peres e Benjamim.*

PERES

Complete a carta de seu pai; que houve?

BENJAMIM

Eu era sacristão da igreja do convento dos franciscanos de Macacu: aprendi o latim e a música e queria chegar a ser frade.

PERES

Deixemos isso... vamos ao essencial...

BENJAMIM

Caí no ódio do capitão-mor, e... foi-se o frade...

PERES

Seu pai fala-me em honra da família...

BENJAMIM

Meu pai é pobre, e o capitão-mor tentou debalde seduzir minha irmã... uma noite, por sinal que eu saía do convento, o capitão-mor vem a mim, e me oferece três moedas de ouro para que eu lhe entregasse minha irmã...

PERES

E que fez?...

BENJAMIM

Confessar, confesso: eu dei uma bofetada no capitão-mor.

PERES

Depois?

BENJAMIM

No outro dia ordem de me prenderem para soldado e eu duas semanas no mato como negro fugido! depois minha mãe foi lá vestir-me assim, meu pai deu-me a carta para vossa mercê, meteram-me num barco e eis o aspirante a frade metido em saias de mulher.

PERES

Quero abraçá-lo pela bofetada que deu. (*Abraça-o*)

### CENA III

*Peres, Benjamim, Joana, Inês, Brites e Mendes.*

JOANA (*à parte*)

E esta?... o meu homem manda-nos acompanhar os convidados, deixa-se ficar aqui, e venho encontrá-lo abraçando a Antonica da Silva!...

PERES (*a Mendes*)

Espera, compadre. (*A Benjamim*) Escute. (*A um lado*) Minha mulher e minhas filhas devem absolutamente ignorar o seu verdadeiro sexo. Não posso responder por línguas de mulheres: o vice-rei é cruel e nós ambos estamos expostos a grandes castigos.

BENJAMIM (*a Peres*)

Juro pelos frades franciscanos que nenhuma das três senhoras terá conhecimento do meu disfarce sexual.

JOANA (*à parte*)

Agora segredinhos... mesmo na minha cara!...

PERES

Joana, o lugar está bonito: vai com as meninas e com a senhora Antonica dar duas voltas pelo jardim: tenho um particular com o compadre... (*Fala a este*)

BENJAMIM (*à parte*)

Que encanto e que precipício! caso de heroicidade original em que um homem deve mostrar que não é homem! com a velha não há perigo; mas as meninas!... é mais fácil estar escondido no mato!

PERES

Vai, Joana!

JOANA (*à parte*)

Ele a quer bem fresquinha com o sereno da noite... e eu criada da Dulcinéia!... (*Alto*) Vamos, meninas.

## CENA IV

*Peres e Mendes.*

PERES

Pedi que ficasses para te consultar. Compadre, começa a preocupar-me a inconveniência de guardar em minha casa este rapaz vestido de mulher.

MENDES

Quê!... o vice-rei já te faz medo?...

PERES

Tenho duas filhas moças e solteiras: entendes agora?...

MENDES

Mãos à palmatória!... tens razão: mas sem ofensa da amizade não podes livrar-te do hóspede...

PERES

Posso: ele tem asilo seguro no convento dos franciscanos... não te lembra a carta do guardião ao provincial?...

MENDES

E verdade; ótimo recurso: amanhã já...

PERES

E que pensará Jerônimo? pobre, mas meu amigo de quase meio século! ele podia ter mandado o filho diretamente para o convento da cidade; teve, porém, confiança em mim!...

MENDES

Não conheço o grau da amizade que tens com esse Jerônimo: o caso é melindroso: dá cá tabaco.

*(Tomam)*

PERES

Olha: eu deixo a Antonica em casa oito dias...

MENDES

Oito dias a mecha ao pé do paiol da pólvora!...

PERES

É isso! toma tabaco. (*Tomam*) Reduzo os oito dias a cinco.

MENDES

Em cinco noites uma gambá acaba com um galinheiro.

PERES

Pois bem: ao menos três dias...

MENDES

Dá-me mais tabaco...

PERES

Não dou: Jerônimo merece algum sacrifício. O pior é que não me animo a confiar o segredo...

MENDES

À comadre?... é santa criatura; mas logo contaria tudo às filhas... e estas.

PERES

Tal e... e então a sua afilhada? apesar da educação severa que lhe dou, é cabeça de fogo, toda exaltada... por tua culpa! ensinaste-lhe ler contra a minha vontade... trazes-lhe novelas...

MENDES

E hei de trazer-lhas... não te dou satisfações. (*À janela*) Venha, comadre! o sereno pode fazer-lhe mal.

## CENA V

*Peres, Mendes, Joana, Inês, Brites e Benjamim.*

PERES

Joana, o compadre não volta a estas horas do Saco do Alferes para a cidade; dormiremos no meu quarto cá do andar de baixo... temos aí duas camas: não te ocupes com ele. É verdade!... a senhora Antonica talvez tenha fome: jantou?

BENJAMIM

Não, senhor; mas gosto de jejuar. (*À parte*) Rebentando de fome!... seria capaz de comer o próprio capitão-mor, se mo dessem reduzido a bifes!...

PERES

Brites, manda pôr à mesa alguns assados, doces e vinho... (*Brites sai*)

JOANA (*à parte*)

Que cuidados!... como está cheio de ternuras o diabo do velho!... E mesmo na minha cara.

PERES (*a Joana*)

Manda preparar nesta mesma sala um leito para a senhora Antonica... amanhã lhe daremos melhor cômodo... (*Fala a Mendes*)

JOANA (*à parte*)

É demais!... quer que eu lhe faça a cama e aqui!... perto do quarto, onde vai dormir!...

PERES

Escuta, mulher! (*A Joana*) deixa em completa liberdade esta menina... em toda liberdade aqui!...

JOANA (*à parte*)

Claríssimo!... em completa liberdade!... e ele cá embaixo! mas eu não passo a noite lá em cima.

BENJAMIM (*à parte*)

A velha está me olhando raivosa! seria engraçado se tem ciúmes de mim com o marido!... não pode ser outra coisa; mas eu protesto!...

JOANA

Senhor Peres, e ouça também, compadre! a menina, coitada, pode ter medo de dormir aqui sozinha; acho melhor levá-la para o sobrado; dormiria perto de nós...

MENDES (*a Peres*)

Dá cá tabaco, compadre!... (*Toma ele só*)

PERES

Não: ela prefere dormir aqui... em liberdade... ela já mo disse.

JOANA (*à parte*)

O demônio até já perdeu a vergonha!... (*Alto*) Mulher, como nós, não teria vexame da nossa companhia... é por isso que eu lembrava...

INÊS

Mesmo, se meu pai consentisse, a Sra. Antonica podia bem dormir comigo.

BENJAMIM (*à parte*)

Que choque nervoso!... estremeceu-me o corpo todo...

MENDES (*a Peres*)

Dá cá tabaco!

PERES (*severo a Joana*)

A Sra. Antonica dormirá aqui!

BRITES (*entrando*)

A mesa está servida: meu pai quer que levemos a Sra. Antonica?...

PERES

Esperem. (*À janela*) Martinho, o meu cavalo russo e o do compadre selados, e já dou pajens com archotes!...

MENDES (*a Peres*)



Que extravagância é esta?

PERES (*a Mendes*)

Vou ao convento dos franciscanos levar a carta do guardião de Macacu... hão de abrir-me a portaria por força...

MENDES (*a Peres*)

Perdeste a cabeça, compadre!...

PERES (*a Mendes*)

Se a tua boa afilhada já quer dormir com ele!

MENDES (*a Peres*)

Com ela, caluniador! Inês se propunha a dormir com uma menina da sua idade.

PERES (*a Joana*)

Não quero nem um momento de intimidade de nossas filhas com esta moça: logo que eu sair, manda as meninas para o sobrado. A Antonica dorme aqui: arranja-lhe a cama, e recolhe-te também. O compadre vai, mas volta comigo.

JOANA (*à parte*)

*Et coetera, et coetera...* é positivo.

PERES

Vamos, compadre; os cavalos devem estar prontos.

MENDES

Vamos; mas dá cá tabaco. (*Tomam tabaco e saem; Joana, Inês e Brites os acompanham*)

BENJAMIM (*só*)

A menina Inês com o inocente desejo de dormir comigo fez revolução na casa! Ora eis como são as coisas! a velha arde em ciúmes por causa da saia que eu trago por cima dos calções, e o velho partiu desatinado por causa dos calções que eu trago por

baixo da saia!... mas a menina Inês, se queria dormir comigo, bem poderia fazê-lo sem prevenir o pai; deitou tudo a perder!

## CENA VI

*Benjamim, Joana, Inês e Brites.*

JOANA

Meninas, tenho ordem de mandá-las já para o sobrado; mas acho melhor que vão para a mesa com a senhora Antonica. Eu fico para arranjar-lhe a cama. *(Com intenção)*

INÊS

Mamãe tem mais juízo do que meu pai. *(A Benjamim)* Vamos!

BENJAMIM *(à parte)*

Valha-me Santo Antônio!... que tentação!...

BRITES

Venha... está trêmula!

BENJAMIM

E nervoso: sou muito vexada... e tenho as vezes comoções em que não sei o que faço, nem o que digo. Ai!... e tanto medo de dormir sozinha!... *(Vão-se)*

## CENA VII

*Joana e logo escravas, que entram e saem.*

JOANA *(no fundo)*

Benta! Marta! *(À frente)* É preciso arranjar a cama! que desaforo! *(Entram as escravas)* Tragam o catre que está no quarto do corredor, e aprontem a cama... ali... *(As escravas vão e voltam, obedecendo; Joana passeia à frente)* Um velho que já não presta para nada! como pôs a calva à mostra! Ele dormirá lá dentro... pertinho; ela aqui sozinha; e eu... no sobrado! *(As escravas)* Andem com isso! *(A frente)* Tenho

medo do gênio do Peres: mais hei de pôr esta mulher na rua! (*As escravas que saem*) Acabaram? vão fechar a casa. A cama está pronta!... oh! haja o que houver, eu hei de passar a noite embaixo desta cama!... Tenho o meu plano... (*No fundo*) Brites! vem cá.

## CENA VIII

*Joana e Brites.*

BRITES

A Antonica da Silva, come que parece um pato, e bebe, que para mulher é boa esponja!

JOANA

Já sei o que ela é... uma inimiga nossa! (*Admiração de Brites*) Eu te explicarei. Olha: teu pai voltará muito tarde... o demônio de saia diz que tem medo de dormir sozinha... Vamos divertir-nos esta noite? mas, acabada a função, vocês duas vão dormir e não se importem comigo. Tenho que fazer cá embaixo. Entendes?

BRITES

Eu julgava a Antonica tão boa! Inês está doida por ela...

JOANA

Inês vai ficar como uma cobrinha assanhada. Apaguemos estas luzes; basta deixar uma. (*Apagam*) É verdade! a roupa que serviu a teu irmão naquela dança que houve no ano em que ele foi para Coimbra, estava no baú grande...

BRITES

E está.

JOANA

Vai ver se a harpia acaba enfim de comer. (*Brites sai*) Pois não, senhora Antonica da Silva!... já lhe aprontei a cama, veremos se a acha macia.

## CENA IX

*Joana, Inês, Brites e Benjamim.*

BENJAMIM

Donzela infeliz; mas aqui tratada como filha, peço licença para beijar a mão protetora da senhora e as mãozinhas destas duas angélicas meninas,

JOANA

Oh, não! a senhora merece mais; agora faça as suas orações e durma,

BENJAMIM

Eu sozinha nesta sala tão grande!... ah!... acaso já morreu alguma pessoa aqui?

JOANA

Tem medo de almas do outro mundo?... esta casa pertence-nos há vinte anos, e ainda ninguém nos morreu nela.

BENJAMIM

Valha-me esta consolação.

JOANA

E verdade que o seu primeiro proprietário, que era muito avarento, e o filho dele que foi juiz almotacel, homem mau, que fez a infelicidade de muitas moças, morreram aqui; mas... ora... foi há tanto tempo!

BENJAMIM

Ai! ai! tenho tanto medo de dormir sozinha!...

JOANA

Fique sossegada: Boa noite! andem meninas!

BRITES

Boa noite! (*Seguindo adiante*)

INÊS

Eu queria que a senhora dormisse comigo, mas meu pai não quis,  
Boa noite!

BENJAMIM (*suspirando*)

Boa noite.

(*Joana segue as filhas*)

## CENA X

*Benjamim.*

BENJAMIM

Afortunado bofetão dei no capitão-mor! mas que perigos para a minha inocência aqui! sem a menor dúvida sou bonito rapaz, se o não fosse o meu disfarce já teria sido descoberto e a gralha ficaria sem estas penas de pavão. (*Mostrando os vestidos*) Que será de mim amanhã?... que ladrões de olhos tem a Inês!... qual! o velho não me entrega preso! e a mãozinha de cetim... e que rosto! ora, eu não quero mais ser frade (*Senta-se na cama*) E agora?... a coisa não está em despir-me; mas amanhã?... camisa... anágua... seios postiços... o lencinho... nada: vou dormir vestido. (*Deita-se*) Ainda tenho no nariz o cheiro suave... (*Levanta-se*) E que durma um pobre pecador com um cheiro assim no nariz!... é preciso distrair-me... (*Canta*)

— Lá em Macacu eu era sacristão,  
Tocava o sino din-delin-din-din...  
É tal qual!  
O capitão-mor por simples bofetão  
Em fuga pôs-me, como malandrim  
E eis-me afinal  
Fingindo moça; mas rapaz no intento  
Amando Inês, e pelo pensamento  
Em pecado mortal.  
Velas de cera, o resto da galheta,

Espórtulas, caídas tinha eu:  
É tal e qual!  
Fechada a igreja e ao toque da sineta  
Súcia *me fecit*, todo dia meu,  
E eis-me afinal  
Fingindo moça; mas rapaz no intento,  
Amando Inês, e pelo pensamento  
Em pecado mortal.  
Valha-me Santo Antônio! se eu pudesse dormir. (*Senta na cama*)

## CENA XI

JOANA (*dentro*)  
Meu dinheiro! meu dinheiro!...

BENJAMIM  
Que é lá?... eu não creio em almas do outro mundo... (*Em pé: Joana entra*) Oh!... oi... (*Na cama e cobre-se*)

JOANA (*canto lúgubre*)  
O catre é meu;  
Nele morri:  
No travesseiro  
(*Benjamim treme aterrado e fala durante o canto*)  
Ouro escondi:

BENJAMIM  
*Vade retro, retro, vade retro! abrenuntio! uh!... uh!... uh!... (A tremer)*

JOANA  
Quero o meu ouro...  
Eu voltarei.  
Se não m'ó deres  
(*Empurra a cama e depois mete-se em baixo*)  
Te matarei

BENJAMIM

Cre... do... credo... *vade retro... per signum...* libera nos... *per signum...*  
(Ao empurrar Joana a cama) Santo Antônio... me valha! (Silêncio)  
Libera nos (Silêncio) Creio... que estou livre... (Levanta o lençol aos poucos) Oh! (Em pé e espantado) Nunca vi almas do outro mundo no cemitério de Macacu... não acreditava... mas esta é a do avarento!... se me deitei sem fazer oração... (Ajoelha-se e reza)

## CENA XII

*Benjamim e Brites, envolvida em mortalha branca.*

BRITES (*dentro*)

Ai!...

BENJAMIM (*corre para a cama a tremer*)

Outra!... Misericórdia!

BRITES (*canto pungente*)

O almotacé defunto...

Aqui de noite vaga...

E a vítima que apanha...

Em frio abraço esmaga!

BENJAMIM ( *fingindo medo*)

Ah! ah!... credo... *vade retro...* (*Levantando a ponta do lençol*) ah! esta alma padecente conheço eu... a voz não engana. (*A tremer*) uh!... uh!... uh!... (*Finge medo*)

BRITES

Por ela seduzida

E em seus braços morrendo...

Sou alma condenada...

E vago padecendo!

(*Passa a mão pelo rosto coberto de Benjamim e vai-se*)

Ai!



BENJAMIM (*treme*)

Uh! uh! uh! (*Ao passar da mão*) Ai! mi... mi... misericórdia! (*Silêncio*)  
Foi-se... (*Descobre-se*) A outra alma que deveras me aterrou era  
portanto a velha enciumada!... divertem-se comigo: pois divirtam-  
se... a menina Brites saiu sem levar uma oração minha; porque (*em*  
*pé e rindo*) eu bem sei porque...

### CENA XIII

*Benjamim e Inês, com o rosto muito apolvilhado, vestido ricamente de*  
*almotacel e com imenso véu transparente.*

INÊS (*dentro*)

Minha noiva! minha noiva!

BENJAMIM (*fingindo medo*)

Ai!... é a alma do almotacel!... estou perdido!... (*À parte*) E a mezinha!  
que belo, belo, belo!...

INÊS

Finado sou; mas amo-te!

(*Indo a Benjamim que recua*)

Adivinhei-te e vim:

Por minha noiva quero-te:

Hás de ser minha, sim!

Sim! sim!...

(*Persegue Benjamim*)

BENJAMIM (*recuando*)

Oh, trance cruel! alma de sedutor, fugi-te!... onze mil virgens, salvai-  
me!

INÊS (*perseguido*)

Hás de ser minha, sim! (*Aceleram os passos*) Sim! sim!...

BENJAMIM

Alma condenada, *vade retro!* ai, que angústia!...

INÊS (*recuando*)  
Serás minha noiva!...

BENJAMIM (*recuando menos vivo*)  
Já me faltam as forças, ai de mim!... (*À parte*) quero ver só o que o demoninho da moça vai fazer comigo. (*Alto*) Não posso mais! (*Inês toma-o pelo braço*) Ai que frio de morte! (*À parte*) E uma febre de fogo...

INÊS  
Amo-te!

BENJAMIM  
Mas não ofenda o meu pudor! tomara eu que ela queira ofendê-lo.

INÊS  
És minha noiva... dá-me um abraço!...

BENJAMIM  
Oh... não! poupe a mísera donzela!...

INÊS  
Um abraço! um abraço!...

BENJAMIM  
Ai de mim! pois bem, senhor almotacel... eu lhe dou um abraço... mas um abraço só... depois o senhor me deixa... vai-se embora... me deixa...

INÊS  
Oh! vem! (*Abraça-o, e separa-se e foge*)

BENJAMIM  
Agora me deixe... me deixe...

INÊS (*à parte*)

E que abraço apertado me deu! como está nervosa! (*A Benjamim*) E minha noiva, há de acompanhar-me para o cemitério...

BENJAMIM

Para o cemitério! não... isso não...

INÊS

E dormirá na minha sepultura...

BENJAMIM (*fingindo terror*)

Senhor almotacel, tudo quanto quiser, mas não me leve para o cemitério! sou sua noiva, sim!... amo-o... mas tenho medo do cemitério... não me leve... amo-o! quer que lhe dê um beijo?... (*Beija a face de Inês*) por quem é não me leve! quer outro beijo? (*Beija-a*) outro? (*Beija-a*) amo-o! (*De joelhos e beijando-lhe as mãos*) adoro-o! sou seu escravo... seu escravo!... quero dizer, sua escrava.

JOANA (*saindo de baixo da cama, e pondo a cabeça de fora*)

Inês, ela é homem!...

INÊS (*afastando-se confundida*)

Oh!...

#### CENA XIV

*Benjamim, Inês, Joana e Brites, que entra.*

JOANA

O senhor não é capaz de negar que é varão do sexo masculino.

BENJAMIM (*à parte*)

Como hei de negá-lo depois que ela fez o descobrimento da América. (*A Joana*) Sim senhora, confesso que sou homem... mas inofensivo.

INÊS (*à parte*)

Agora não posso mais olhar para ele...

JOANA

Mas o senhor abusou... devia ter-nos dito!

BENJAMIM

Foi o Sr. Peres que me ordenou segredo absoluto...

BRITES (*à parte*)

De que escapei!...

JOANA (*à parte*)

Coitado do meu Peres!... que aleive lhe levantei... (*Alto*) Pois bem: como foi ordem do meu homem, conserve o segredo seu e dele; mas guarde também o nosso: o das loucuras desta noite; o senhor não é do sexo masculino... para nós.

BENJAMIM

Não sou, não; eu sou Antonica da Silva para as senhoras... podemos viver santamente na comunidade do nosso sexo. (*Batem à porta*)

JOANA

É Peres que chega. Ele deve ficar pensando que já estamos todas dormindo. Não se esqueça de apagar a luz... venham, meninas. (*Batem*)

BENJAMIM

Sou muito esquecida... é melhor já. (*Apaga a luz*)

JOANA

Andem... Andem...

BENJAMIM (*de joelhos beija a mão de Inês, quando ela passa, vão-se Joana, Inês e Brites*)

Juro pelos frades franciscanos que não quero mais ser frade. (*Ergue-se e vai às apalpadelas para a cama*)

## ATO II

*À esquerda, varanda de colunas, tendo no meio cancela de grades e escada para o jardim e pomar que se estende para o fundo, e para a direita; ao fundo e à direita, portão largo, à frente espaço livre e pequenos bancos de pau.*

### CENA I

*Peres e Mendes, que descem a escada.*

PERES

Como estão mudados os tempos! o provincial dos franciscanos fora do convento ainda depois da meia-noite!...

MENDES

Ajudando a bem morrer uma pobre agonizante cumpria o seu dever.

PERES

Aposto que ajudava a mal viver a alguma pecadora de predileção...

MENDES

Estás até maldizente, compadre!

PERES

Pois se nem posso ir para a cidade! tinha de fazer uma remessa de açúcar para Lisboa, e dinheiro a receber hoje.

MENDES

Dá cá tabaco. (*Tomam*) Vamos para a cidade...

PERES

Deixando aqui a mecha ao pé do paiol da pólvora como tu dissestes. Não vou.

MENDES

A comadre sabe olhar para as filhas, e tu estarás de volta ao meio-dia...

PERES

Acreditando que o Benjamim é Antonica, tua comadre pode descuidar-se, e a Antonica declarar-se Benjamim a Inês ou Brites. Não vou. (*Um criado traz uma carta; Peres abre e lê*) E do provincial!... (*A um aceno, vai-se o criado*) Daqui a uma hora Fr. Antão e dois leigos vêm receber o rapaz.

MENDES

Estás enfim livre da Antonica da Silva.

PERES (*triste*)

Livre... do filho de Jerônimo! compadre, vamos para a cidade...

MENDES

Não: agora deves ficar em casa... Fr. Antão vem...

PERES

Não quero ver sair, como expulso... devo estar fora... Escreverei a Jerônimo dizendo que em minha ausência e contra os meus desígnios...

MENDES

Hipocrisia e mentira... compadre?

PERES

Antes dez filhos do que uma filha!... e então duas!...

MENDES

Que serviços deves ao teu amigo Jerônimo?...

PERES

Muitos; mas um! olha: éramos soldados do mesmo corpo e da mesma companhia na África; em um combate eu ia talvez ser morto por um golpe de lança... Jerônimo atirou-se adiante de mim...

recebeu a lançada no peito... e caiu... estive a morrer dois meses, e escapou por milagre. (*Comovido*) Toma tabaco, compadre!

MENDES

Não quero! é tabaco de homem ingrato.

PERES

Velho rabugento, que querias que eu fizesse?...

MENDES

Ontem devias ter dito tudo, tim-tim por tim-tim à comadre.

PERES

E as meninas?... e o Benjamim? isto é, ele com elas?...

MENDES

As meninas também deviam ficar sabendo toda a história do passado e do presente...

PERES

E para coroar a obra eu mandaria minhas filhas brincar o vai-te esconder com o Benjamim...

MENDES

Não; mas dirias ao filho de Jerônimo: eis aí, minhas duas filhas, escolhe uma para tua noiva.

PERES

Compadre, tu falas sério?...

MENDES

Eu falo sempre sério. Agora que te dei a lição, dá cá tabaco. (*Tomam*)

PERES

Não desejo... não quero que minhas filhas se casem.

MENDES



Que é? pensas mesmo que consentirei em que pelo menos minha afilhada sofra os martírios de solteirona?... estás muito enganado! hei de casá-la e bem a gosto seu... eu já lho disse, ouviste?...

PERES

Começas a aborrecer-me! vamos para a cidade.

MENDES

Não deves ir!

PERES

Hei de ir...

MENDES

Estás com remorsos!

PERES

Olha: farei por Benjamim o que faria por meu filho. Adoto-o; mas aqui com as meninas, não. (*A escada*) Joana, desce! (*A Mendes*) Vou preveni-la da vinda de Fr. Antão, mas sem esclarecê-la sobre o fim que o traz aqui. Darei instruções em regra...

MENDES

Compadre, o teu tabaco é melhor do que a tua consciência. Dá cá tabaco. (*Tomam*)

## CENA II

*Peres, Mendes e Joana, que desce a escada.*

PERES

A Antonica da Silva?...

JOANA

Encerrou-se no quarto, que lhe destinamos.

PERES

E as meninas?...

JOANA

Bordavam ao pé de mim.

PERES

Manda-as bordar sozinhas no sobrado...

JOANA

Então a Antonica é moça de costumes suspeitos?

PERES

Não; mas queria casar contra a vontade do pai, um mau exemplo para as nossas filhas. Anda, preciso dizer-te uma coisa... (*Vão indo*)

MENDES

Comadre; pode ser que seu marido se salva, mas não entra no céu sem passar pelo purgatório. (*Vão-se pelo portão*)

### CENA III

*Inês, observa da varanda e depois desce.*

INÊS

Até o meio dia ou pouco mais ficamos sós. Não sei que sinto... desejo, mas não posso olhar para o moço!... há no meu seio alvoroço, na minha alma confusão... não me entendo! quando ele se aproxima, estremeço toda... tenho lido em novelas tantas lições de amor! ai, meu Deus!... se eu amo, o amor incomoda muito no princípio. (*Canta*)

Depois daquele abraço e dos beijos sem conta

Que ele me deu, e eu dei.

Sabendo que era homem, nem pude ver afronta

No ardor que provoquei...

Mas agora...

Não posso olha-lo, ai, não!  
Junto dele bisonha  
O pejo me devora...  
Sou toda olhos no chão...  
Tenho tanta vergonha!

De moço em roupa justa vestida ele me viu  
E de calções até  
Culpada mamãe só, que foi quem me vestiu  
E fez-me Almotacé  
Mas agora...

Não posso olha-lo, ai, não!!...  
Junto dele bisonha  
O pejo me devora,  
Sou toda olhar no chão...  
Tenho tanta vergonha!

#### CENA IV

*Inês e Benjamim, que desce a escada.*

BENJAMIM  
Este momento é um milagre de amor...

INÊS  
Ah! (*medrosa*) mamãe... (*Olhando*)

BENJAMIM  
Não tarda; é por isso que tenho pressa. Quisera ficar aqui vestido de mulher toda a minha vida; mas tanta dita não dura: esperam-me perseguição, tormentos...

INÊS  
Corre algum perigo?...

BENJAMIM

Pouco importa: resistirei à mais cruel adversidade, se merecer levar comigo a esperança do seu amor. Eu amo-a!

INÊS  
Senhor...

BENJAMIM  
É que sua mãe não tarda... não tarda... (*Toma-lhe a mão*)

INÊS  
Tenho muita vergonha...

BENJAMIM  
Entre duas moças, como nós somos, não devem haver essas vergonhas! eu amo-a! e mamãe não tarda...

INÊS  
Não sei... não ousou...

BENJAMIM (*larga a mão de Inês*)  
Ora está... aí vem sua mãe... (*Triste*) sou muito infeliz!

INÊS (*voltando o rosto e abaixando os olhos*)  
Amo-o.

BENJAMIM  
Ah! brilhou a luz do meu futuro! a mamãe agora pode chegar...  
pode chegar...

## CENA V

*Inês, Benjamim, Joana e Brites.*

JOANA (*a Benjamim*)  
Que fazia aqui junto de Inês?

BENJAMIM

Não fazia nada, não senhora: como ainda sou Antonica da Silva, tratava de salvar as aparências.

JOANA

Creio que apertava a mão de minha filha...

BENJAMIM

Qual! não apertava, não senhora: as moças, quando passeiam no jardim, costumam às vezes dar-se as mãos. Eu estava fingendo costumes de mulher.

JOANA (*a Inês*)

Que te dizia este se... esta senhora?

INÊS

Eu me sentia muito vexada... não sei bem... penso que me falava... de Macacu...

BENJAMIM

Exatamente: falava de Macacu.

JOANA

E que dizia? (*Senta-se, e Brites a seu lado; Inês em outro banco*)

BENJAMIM (*em pé*)

Descrevia as festas pomposas lá da vila: então as da igreja dos franciscanos! quando o guardião sobe ao púlpito, grita com uma eloquência que faz dor de ouvidos (*Senta-se junto de Inês*) E as procissões!...

JOANA

Brites, senta-te ao pé de Inês; venha o senhor... a senhora para cá.

(*Brites e Benjamim trocam os lugares*)

BENJAMIM

Eu apenas salvava as aparências: as moças gostam de sentar-se juntinhas. Mas... os franciscanos.

JOANA

Os franciscanos? (*À parte*) Quem sabe?... (*A Benjamim*) quero ouvi-lo; ainda não me contou a sua história verdadeira. (*Leva-o para o fundo*)

BRITES

Inês, mamãe já desconfia que gostas do Benjamim, e opõe-se...

INÊS

Para mim oposição é estímulo: sim! amo este moço e vou dizê-lo a meu padrinho...

BRITES

Ai, cabeça de novelas, vê lá, se te fazes heroína!...

INÊS

Se fosse preciso...

BRITES

Tonta! olha meu pai!...

INÊS (*encolhendo os ombros*)

Tenho meu padrinho.

BRITES

Que faremos até ao meio-dia?... vou mandar trazer almofadas e banquinhas: quero ver se a Antonica da Silva faz rendas. (*Sobe a escada, dá ordens e volta*)

JOANA (*voltando com Benjamim*)

Ainda bem que não o prenderam.

BENJAMIM

Fugi, mas só à vingança do potentado; ao medo da guerra, não: as senhoras podem acreditar, que metido nestas saias está um homem.

JOANA

Provou-o, dando a bofetada no capitão-mor.

INÊS

Mamãe, ele deu bofetada em algum capitão-mor?...

JOANA

E por isso o perseguem, querem assentar-lhe praça de soldado... mas é preciso não falar nisto: segredo!...

BRITES

Recrutamento malvado! Em pouco tempo só ficarão velhos para noivos das moças. E para desesperar!

JOANA (*vendo escravos que trazem quatro banquinhas e quatro almofadas*)

Faremos rendas?... lembraram bem.

(*Sentam-se nas banquinhas e tomam as almofadas*)

INÊS (*à parte*)

Recrutamento e vingança... é horrível! (*Senta-se*)

JOANA (*a Benjamim*)

O senhor parece que não é novo na almofada!

BENJAMIM

O pior é que eu faço rendas; mas não as tenho.

BRITES

A senhora Antonica da Silva aprendeu a fazer rendas com os frades?  
(*Trabalham todas*)

BENJAMIM



Com os frades? não senhora; aprendi com as freiras; ora... eis aí... estou atrapalhado. (*A Inês*) Pode ensinar-me como se trocam os bilros neste ponto?...

JOANA

Ensino eu... deixe ver...

BENJAMIM (*à parte*)

Mamãe Joana não me deixa salvar aparência alguma! (*A Joana*)  
Muito obrigado, já acertei. (*Troca os bilros com ardor*)

BRITES

Vamos cantar?... (*A Benjamim*) a senhora Antonica da Silva que sabe tudo, sabe cantar o romance de Dagoberto?...

BENJAMIM

Canto, mas não sei se entoo.

BRITES

Cantemo-lo pois... ouviremos a sua voz... olhe que deve ser de tiple.

BENJAMIM

Não, senhora; será de tenor; mas só por culpa da natureza que me deu por engano garganta de homem.

(*Cantam*)

BENJAMIM

Dagoberto o cavaleiro  
Sem pajem nem escudeiro  
Do torneio a liça entrou

JOANA, BRITES e INÊS

Viseira baixa e no escudo  
Belo mote que diz tudo

INÊS

De Beatriz escravo sou.

TODOS

De Beatriz escravo sou.

BENJAMIM

Dez cavaleiros desmonta  
Dos mais já nenhum afronta  
O paladim vencedor.

JOANA, BRITES e INÊS

Quem é, o conde pergunta  
Quem é a condessa ajunta.

INÊS

E Beatriz murmura amor!

TODOS

E Beatriz murmura amor.

BENJAMIM

Dagoberto triunfante  
Ao conde chega ofegante,  
Ergue a vieira e lhe diz:

JOANA, INÊS e BRITES

Não sou barão mas guerreiro,  
Fui armado cavalheiro;

INÊS

E escravo sou de Beatriz.

TODOS

Escravo sou de Beatriz.

BENJAMIM

Dagoberto espera e o conde

Olhando a filha, responde:  
Cavaleiro, sê feliz!

JOANA, INÊS e BRITES  
Quem é paladim tão bravo  
De Beatriz não seja escravo,

INÊS  
Seja esposo de Beatriz.

TODOS  
Seja esposo de Beatriz.

BRITES  
A senhora Antonica da Silva canta muito bem.

## CENA VI

*Inês, Benjamim, Joana, Brites e Martinho assustado.*

MARTINHO  
Um oficial seguido de muitos soldados tem já a casa cercada, e quer entrar por ordem do vice-rei.

JOANA  
Oh!... e Peres ausente!... que será?...

*(Inês aflita)*

BENJAMIM  
Claro como o dia! vem prender-me... e eu não me escondo mais... entrego-me.

INÊS *(aflita)*  
Não!... não!...

BENJAMIM

Sim: só me assusta o ridículo. (*A Joana*) Minha senhora, me empreste um casaco e um colete do Sr. Peres... Calções eu trago por baixo das saias.

JOANA

Não; meu marido me recomendou a segurança de sua pessoa...

INÊS

Brites, vai escondê-lo atrás do altar da capela... depois sai e tranca a porta...

JOANA

É um recurso... leva-o, Brites, vá senhor...

BENJAMIM

Perdão! quero entregar-me preso...

INÊS

E eu não quero!... (*Terna*) peço-lhe que vá... entende?... eu peço que vá...

BENJAMIM

Ah! eu vou! (*À parte*) Positivamente... agora foram-se as aparências!... (*Segue Brites e vai-se*)

MARTINHO (*vindo do fundo*)

Um soldado já está de sentinela ao portão...

JOANA

Faze entrar o oficial. (*Martinho vai-se: Joana à parte*) Olhe peço de Inês, e a obediência do rapaz tem dente de coelho... mas agora não é tempo de tomar contas... estou a tremer...

## CENA VII

*Inês, Joana, Alferes Paula, soldados, gente da casa a observar.*

PAULA

Em nome e por ordem do senhor vice-rei conde da Cunha!...

JOANA

Que manda o senhor vice-rei!

PAULA

Minha senhora, incumbido de importante diligência, tenho de correr a sua casa em busca severa.

JOANA

Meu marido está ausente: vou mandar chamá-lo já.

PAULA

É inútil: trago ordens precisas, e não posso esperar. Vou proceder à busca.

JOANA

Pode ao menos dizer-me com que fim?...

PAULA

O Sr. Peres Nolasco tem asilado em sua casa um rapaz que se disfarça vestido de mulher, e veio ontem da vila de Macacu... chama-se Benjamim.

INÊS

E perseguido cruelmente; porque deu e devia dar uma bofetada no capitão-mor de Macacu.

JOANA

Menina!...

PAULA

A senhora o sabe?... pois eu venho prender esse valentão Benjamim.

INÊS

Aqui o tem: sou eu.

JOANA

Oh!...

PAULA (*a Inês*)

Está preso.

JOANA

Não! esta é Inês, é minha filha!

INÊS (*alto a Joana*)

Minha senhora, eu agradeço a sua nobre generosidade... não devo abusar mais...

PAULA

Vamos!... siga para diante... (*A Inês*)

JOANA

Mas eu lhe juro que esta é minha filha!

INÊS (*ao oficial*)

Conceda um momento à gratidão do pobre asilado... devo abraçar a minha protetora (*abraçando Joana*) Mamãe, não tenha medo; enquanto vou presa, salve Benjamim e mande avisar a meu padrinho. (*A Paula*) Estou às ordens.

JOANA

Senhor oficial, veja o que faz! não pode levar minha filha! não pode!... (*Atirando-se a Inês*)

PAULA (*apartando Joana*)

Minha senhora... retire-se!...

JOANA

Não leve minha filha!... ela se chama Inês!... não a leve!... o Benjamim está escondido lá dentro... eu lho trago!...

INÊS

Obrigado, minha senhora!... mas é inútil.

PAULA

E esta? pretende fazer-me crer que uma verdadeira donzela e de família honesta deseje ir presa para um quartel de soldados?... (A *Inês*) Como te chamas?...

INÊS

Benjamim.

PAULA

Marcha para diante!

JOANA

Minha filha!... doida!... Senhor oficial, é minha filha!... (*Agarrando-se a Inês*)

PAULA (*separando as duas*)

Senhora!... não agrave o crime de seu marido... curve-se às ordens do senhor vice-rei Conde da Cunha!...

JOANA

Oh!... ai, meu Deus!...

PAULA (*entrega Inês a dois soldados*)

E o tal Benjamim é bem bonito... quinze anos talvez... nem sinal de barba... e já dá bofetadas. (*A Joana*) Minha senhora!... (*Saúda e vai-se*)

JOANA

É minha filha!... é uma infâmia levar presa minha filha!... (*Seguindo-o*)

## CENA VIII

*Joana, e logo Martinho.*

JOANA (*voltando do fundo*)

Inês!... que loucura! mas lá vai!... (*Torcendo as mãos*) minha filha!...  
Martinho! Martinho!

MARTINHO

Minha senhora...

JOANA

A cavalo!... a correr!... vai participar ao senhor Peres esta desgraça.

MARTINHO

Já... o cavalo está pronto. (*Corre, saindo pelo fundo*)

JOANA

Peres ficará furioso... tenho medo!... (*Correndo ao fundo*) Martinho!...  
dá também e logo notícia de tudo ao compadre Mendes!... vai falar  
ao compadre Mendes... (*Volta*) oh! que loucura de Inês!...  
desgraçada!... insensata! doida!...

## CENA IX

*Joana, Brites e Benjamim.*

BRITES

Mamãe!... mamãe!... isto é verdade?...

BENJAMIM

Porque não me mandou chamar logo? (*Corre ao fundo*)

BRITES

Sim, mamãe, devia ter mandado chamar!...

JOANA

Perdi a cabeça... Inês me desatinou...

BENJAMIM (*voltando*)



Ah!... é tarde!... mas juro pelos frades franciscanos... não, eu não juro mais pelos frades; mas juro por Inês, que não há de ser tarde!...

JOANA

O senhor virou o miolo de minha filha!... entrou em nossa casa, para trazer-nos a desgraça!...

BENJAMIM

Vou já entregar-me à prisão, declarando a todos o meu sexo e o meu caráter de Benjamim, sacristão do convento de Macacu. (*Saia correr*)

JOANA

Inês endoideceu... foi esse diabo!...

BRITES

Ela o ama: eu já esperava desvarios de Inês!...

## CENA X

*Joana, Brites e Benjamim a correr.*

JOANA

Ainda o senhor!...

BENJAMIM

Esbarrei com três franciscanos que vem entrando para aqui... o negócio dos frades é por força comigo.

JOANA

Que venham!

BENJAMIM

Mas eu quero salvar a menina Inês! vou atravessar a casa e fujo pela porta da frente. (*Arregaça o vestido e corre para a escada*)

JOANA (*seguindo-o*)

Tranquem a cancela da escada!

(*Trancam*)

BENJAMIM (*descendo a escada precipitado*)

Esta mãe desnaturada não quer que eu lhe salve a filha!... mas por aqui hei de achar saída. (*Corre pela direita*)

## CENA XI

*Joana, Brites, Fr. Simão, dois leigos franciscanos e logo Benjamim.*

FR. SIMÃO

Deus seja nesta casa!

JOANA

Amém. Tenho ordem de fazer cumprir o que vossa reverendíssima ordenar.

FR. SIMÃO

Venho simplesmente a fim de levar para o convento...

JOANA

Perdão, reverendíssimo... (*Para o fundo*) Tranquem o portão do jardim! (*Um escravo tranca*) quer então levar... (*A Fr. Simão*)

FR. SIMÃO

Para o convento o nosso sacristão de Macacu, que se acha aqui disfarçado em mulher.

BENJAMIM (*ao bastidor*)

Ei-los!... por este lado além do muro quatro cães de fila no quintal vizinho! mas eu escapo aos frades... (*Arregaça o vestido e corre para o portão que acha trancado*)

JOANA (*mostrando*)

Ei-lo!... tome conta dele!...

BENJAMIM (*depois de esforço inútil para abrir o portão*)  
*Libertas, decus et anima nostra in dubio sunt ou ni dubo...* (Desanimado)

FR. SIMÃO  
Meu filho!

BENJAMIM  
*Benedicite*, padre mestre! mas eu não vou para o convento... quero ser soldado.

FR. SIMÃO  
Tu nos pertences: és nosso sacristão, e queremos defender-te.

BENJAMIM  
Muito obrigado, mas eu não quero mais ser sacristão, e ainda menos frade.

FR. SIMÃO  
Irmãos leigos, segurem-no...

BENJAMIM  
Isto é violência (*Resistindo*) não quero ir para o convento!... (*Debate-se*) olhem que eu esqueço o respeito que tenho ao... ah! ah!  
(*Subjugado*) São dois hércules!... pois se os frades comem tanto!...

FR. SIMÃO  
Ele traz calções; podem tirar-lhe o vestido.

(*Os leigos tiram*)

BENJAMIM  
Padre mestre isto não é decente à vista das senhoras. (*Fica em camisa curta de mulher e de calções*)

FR. SIMÃO  
Agora o hábito de leigo. (*Os leigos põe-lhe o hábito*)

BENJAMIM

Memento homo, *quia pulvis est et in pulverem revertens.*

FR. SIMÃO

Fiquem as senhoras na paz do senhor. Vamos, meu filho.

JOANA

Deviam ter vindo uma hora antes!...

BENJAMIM (*levado*)

Mas eu não quero mais ser sacristão, não quero ser leigo, nem frade, nem guardião, nem provincial. (*Vão-se*)

JOANA

Brites!... e Inês? (*Abraçam-se, chorando*)

## ATO II

*Quartel de Moura primitivo: ao fundo o quartel; à direita, do fundo, avança dois planos a sala do estado maior, deitando uma ou duas janelas para a cena, e uma porta à entrada olhando para a esquerda; seguem-se, no fundo, portas da arrecadação, de casernas, de quartos etc., em toda a frente espaço livre e sem gradil; à direita e defronte do estado maior, um portão.*

## CENA I

*Capitão Pina, Alferes Paula; um soldado sentinela à porta do estado maior; soldados às portas, entrando ou saindo. Pina e Paula passeiam na frente*

PAULA

Ouviu a leitura dos artigos do conde de Lipe, fazendo momos e ao jurar bandeira pôs-se a rir.

PINA

A ordem foi terminante: assentar praça logo e logo e ainda que jurasse ser mulher.

PAULA

Mas ao contrário jura que é homem, e confesso que no ato da prisão iludiu-me perfeitamente: só no caminho comecei a desconfiar.

PINA

E quando se fardou?

PAULA

Sem a menor cerimônia mandou sair o sargento Pestana da arrecadação, fechou-nos a porta na cara, e daí a dez minutos apareceu que era um brinco: o fardamento que serviu ao cadetinho Melindre ajustou-lhe ao pintar.

PINA

O velho Peres é negociante respeitado e rico e se este soldadinho não é homem.

PAULA

Não é; se me dessem licença, casava-me com ele fardado como está; é mulher, e linda!

PINA

Então anda nisto segredo de família, e por ora é indispensável todo o cuidado. (*Toque de cornetas*) Eis aí! instrução de recrutas; começam as dificuldades!...

PAULA

Descanse, capitão: passei ao sargento Pestana suas recomendações secretas. O soldadinho está separado dos outros recrutas.

PINA

E que os soldados não suspeitem...

PAULA

O Pestana responde por tudo...

PINA

Alferes... duas horas de folga... veja se encontra o Peres... assim como por acaso...

PAULA

Entendo. (*Faz continência e sai*)

PINA

Não devo testemunhar falhas quase certas de disciplina (*indo-se*)  
Logo hoje me caberia ficar de estado maior!... (*Entra no estado maior*)

## CENA II

*Inês, vestida de soldado, e o sargento Pestana saem pelo portão. Pestana adiante.*

PESTANA

Assim! um... dois... um... dois... agora direita volver! (*Inês para*) eu lhe ensino. Dois tempos: à voz direita leva-se o côncavo do pé direito a tocar no do esquerdo; à voz volver levantam-se as pontas dos pés e...

INÊS

Já sei... já sei... já sei...

PESTANA

Pois lá vai!... direita... (*Inês executa*) volver!... (*Inês levanta as pontas dos pés e assim fica*) Não é isso; última forma.

INÊS

Pois o senhor não disse que à voz "volver" eu levantasse as pontas dos pés?...

PESTANA

Mas não girou sobre os calcanhares...

INÊS

Ora! eu sei volver-me para a direita e para a esquerda sem essas lições de dança: olhe. (*Volta-se para um e outro lado*)

PESTANA (*à parte*)

Pior vai o caso! (*Alto*) Recruta, à voz de sentido as mãos passam rapidamente ao lado das coxas e o calcanhar direito vai juntar-se ao esquerdo. Veja: é assim... (*Executa: Inês ri*) não ria; atenda à voz: – Sentido... (*Inês põe as mãos na cintura, dobra um pouco o corpo e olha atenta*) Mãos nas coxas! calcanhares juntos!

INÊS

Qual!... a ocupar-me em pôr as mãos nas coxas, e em conservar os calcanhares juntos eu não posso estar com o sentido em coisa nenhuma.

PESTANA (*à parte*)

Antes de três dias responde a conselho de guerra. (*Alto*) Vejo que é preciso recomeçar a instrução das voltas a pé firme. Atenda...

INÊS

Senhor sargento: não perca o seu tempo, eu, conservando os pés firmes, nunca darei volta alguma...

PESTANA

Há de aprender. Atenda à voz: firme!...

INÊS (*afastando-se e à parte*)

Estou quase arrependida!... tenho vergonha e medo!... não posso mais fingir...

PESTANA (*à parte*)

Não escapa ao conselho de guerra, e acaba sendo arcabusado. (*A Inês*) Recruta!...

INÊS

Sargento, deixe de importunar-me; digo-lhe que por hoje está acabada a instrução: não estou para isto.

PESTANA (*à parte*)

Ai, disciplina militar!... mas vou salvá-la. (*Alto*) Atenda à voz: – Descansar!... retira-se diretamente o pé direito, caindo o peso do corpo...

INÊS

Que asneira! isso em vez de dar descanso, aumenta a fadiga, Sargento, o verdadeiro é assim: (*arremedando*) descansar!... (*Senta-se no chão*) eis como se descansa.

PESTANA (*à parte*)

Depois de envelhecer sem nódoa no serviço ver-me obrigado a fechar os olhos a tanta insubordinação.

INÊS (*à parte*)

Se eu tivesse a certeza de que Benjamim já estava salvo, declarava que sou mulher!... sofro muito... aqui tudo me aterra!...

PESTANA

Em pé!... ainda tenho que ensinar-lhe.

INÊS

Sargento, a sua instrução de recrutas contém uma multidão de tolices.

PESTANA

Não sabe o que diz: tem de preparar-se para entrar amanhã no manejo da arma, e depois de amanhã no exercício de fogo!...

INÊS

Pois vá esperando!... havia de ser engraçado eu no manejo da arma, e no exercício de fogo!... que proezas faria...

PESTANA (*à parte*)

E com que voz diz tanto desaforo!... parece uma flauta... ai! ai! ai!... aqui há coisa!



INÊS (*à parte*)

Ah, Benjamim... quanta loucura por ti (*alto*) Sargento! é verdade: como se chama?

PESTANA

Pestana: nome já glorioso no regimento de Moura.

INÊS ( *fingindo rir*)

Pestana, que nome ridículo! crisme-se; mas não caia em ficar sobranceira; tome pelo menos o nome de sargento bigode.

PESTANA (*à parte*)

Eu aturo esta insolência só em respeito ao capitão Pina; mas capitão, capitão! começo a desconfiar.

INÊS (*notando um rasgão na manga esquerda da farda*)

Sargento, dê-me uma agulha com linha...

PESTANA (*à parte*)

Ordena que parece o coronel do regimento. (*Tira da patrona agulha e linha*) E dou-lha: quero ver como costura. (*Custa a enfiar a agulha*)

INÊS (*tomando-lhe a agulha e a linha*)

Ah!... levaria uma hora a enfiar... (*Enfia e conserta o rasgão da farda; canta costurando*)

Remendeira, remendeira...

Ponto aqui, ponto acolá

Enquanto vais remendando

Pensa em ti, quão longe está...

Lá, lá.

Que ditosa te fará,

Lá, lá.

PESTANA (*à parte*)

Costura que é um gosto! aposto que o soldadinho nunca foi alfaiate... costureira, parece que é! capitão, capitão.

### CENA III

*Inês, Pestana e Benjamim, com hábito de noviço franciscano, e logo o Capitão Pina.*

BENJAMIM (*apressado*)

Quero falar ao coman... (*Reconhecendo Inês*) Oh!...

INÊS (*a Benjamim*)

Silêncio...

BENJAMIM (*a Inês*)

Como está fascinadora com a farda de soldado!... mas eu não consinto... fugi do convento e venho entregar-me.

INÊS (*a Benjamim*)

De modo nenhum!... fuja eu preciso muito do senhor livre do recrutamento... preciso...

PESTANA

Reverendíssimo, conhece este soldadinho?

BENJAMIM

Não é da sua conta: quero falar ao comandante... ou ao general... ou não sei a quem.

PESTANA (*à parte*)

Que frade malcriado!...

INÊS (*a Pestana*)

Não chame o capitão...

BENJAMIM (*puxando Pestana*)

Chame o capitão!

INÊS (*puxando Pestana*)

Não chame!...

BENJAMIM (*puxando Pestana*)

Chame!... Chame!...

PESTANA (*a Inês*)

Que tem o senhor com o frade?

INÊS

Também não é da sua conta.

PINA (*chegando*)

Que é isto?...

PESTANA (*a Inês*)

Faça a continência...

INÊS

Deixe-me! agora não estou para continências.

PINA

Reverendíssimo, venha para o estado maior.

BENJAMIM

Aqui mesmo: eu venho...

INÊS

Senhor capitão, ele veio pedir o lugar de capelão do regimento...

PINA (*a Inês*)

Soldado! não te perguntei coisa alguma.

INÊS

Mas eu quando quero falar, não espero que me perguntem...

BENJAMIM

Venho declarar que sou o Benjamim que fugiu de Macacu vestido de mulher e com o falso nome de Antonica da Silva...

INÊS

É mentira dele, senhor capitão; o frade é meu primo e vem com esta...

PINA

Sargento, leva o soldado para o quartel...

PESTANA (*a Inês*)

Marcha!

INÊS

Não vou: agora não saio daqui.

PESTANA

Senhor capitão, recolho o insubordinado ao xadrez.

PINA

Deixa-o: talvez eu queira interrogá-lo.

PESTANA (*à parte*)

Foi-se a disciplina!... entrou no regimento uma saia por baixo da farda.

PINA

Reverendíssimo, como hei de acreditar no que diz?... esse hábito religioso...

BENJAMIM

Como eu era sacristão dos franciscanos em Macacu, entendeu o provincial que podia trancafiar-me no convento da cidade, e fazer de conta que sou noviço.

PINA

Então...

BENJAMIM

Fugi do convento... não quero ser frade... prefiro ser soldado...

INÊS

Oh... oh... oh!... quanta mentira!... o Benjamim sou eu.

PINA (*a Inês*)

Cala-te!... (*Bate com o pé*)

INÊS (*ressentida*)

Perdão!... não se trata assim a uma...

PINA

A uma?

INÊS

Sim, senhor... a uma pessoa de educação.

PINA

Reverendíssimo, vou officiar ao coronel, dando-lhe parte de tudo.  
(*Indo-se*) E também ao provincial dos franciscanos... (*Recolhe-se ao estado maior*)

INÊS

Não sabe o que fez! destruiu a minha obra.

BENJAMIM

Não podia deixá-la aqui: serei soldado... mas não se esqueça de mim, oh! e se seus pais consentirem.

INÊS

Eu falarei a meu padrinho...

BENJAMIM

Que sombra de felicidade! (*Toma a mão de Inês*)

INÊS

Tenha fé! o sonho há de realizar-se!...

BENJAMIM

Nunca se amou como eu amo!...

PESTANA

Olhem o frade!...

#### CENA IV

*Inês, Pestana, Benjamim e Mendes.*

INÊS (*alegre*)

Oh!... é meu padrinho!

MENDES

Onde e como venho encontrar-te? (*Severo*) uma donzela ousa vir meter-se em um quartel de soldados!... (*Inês abate-se*)

BENJAMIM

Coitadinha!... poupe-a: está arrependida; acabo de ouvi-la em confissão... ficou contrita, e eu absolvi-a.

MENDES

Mas eu não a absolvo: manchou sua reputação, condenou-se às censuras e à zombaria de todos... sou eu padrinho, mas nego-lhe a minha bênção!...

INÊS

Ah!... ah!... (*Desata a chorar*)

BENJAMIM

Não chore! não chore... senão eu... não poderei conter-me... desato numa berraria...

MENDES

De que servem choros? lágrimas não lavam manchas da vida e do proceder da mulher; o pranto não me comove! (*À parte e brando*) o pior é que eu não posso vê-la chorar!...

INÊS (*de joelhos e a chorar*)

Per... dão... meu pa...drinho...

MENDES (*comovido e à parte*)

É preciso ser severo. (*Alto*) Não há perdão!... semelhante escândalo... não se perdoa!... (*À parte*) eu creio... que exagero a severidade... ela está aflitíssima... (*Alto*) Não se perdoa!...

INÊS (*caindo de bruços a soluçar*)

Eu... morro!... ah!...

MENDES

Inês!... Inês! (*Erguendo-a*) Perdoa-se... não posso mais... perdoa-se!... eu te perdoo!... (*Chorando*)

INÊS

Oh!... oh!... sou feliz!... (*Abraçando Mendes*)

BENJAMIM (*enxugando os olhos*)

Isto deve fazer mal... não, deve fazer bem aos nervos...

MENDES (*afastando brandamente Inês*)

Deixa-me... tomar tabaco... (*Tira a caixa e o lenço, enxuga os olhos, e toma tabaco*)

BENJAMIM

Dê-me uma pitada... também preciso tomar tabaco. (*Toma*)

PESTANA (*comovido*)

Senhor... padrinho... eu... igualmente... se me faz a honra...

MENDES

Tomem... tomem tabaco (*a Inês*) que loucura foi essa, Inês?...

INÊS

Foi loucura, foi; mas a causa... é mesmo um negócio, de que eu tenho a falar a meu padrinho...

MENDES

Quando eu pensava em casar-te, em te arranjar noivo...

INÊS

Ah, o meu negócio com o padrinho era mesmo esse...

MENDES

Agora? já te perdoei; mas tem paciência: procedeste muito mal, e duvido que eu ache mancebo digno de ti, que deseje casar contigo...

BENJAMIM

Aqui estou eu, Sr. Mendes! eu desejo casar com ela...

MENDES

Reverendo!... que se atreve a dizer?...

BENJAMIM

Não sou frade, não senhor; eu sou o Benjamim que se chamava Antonica da Silva...

PESTANA (*à parte*)

O frade não é frade!

INÊS

E ele ama-me... e eu o amo, meu padrinho...

MENDES

Hum!... agora entendo tudo!... foi a mecha que ficou ao pé do paiol da pólvora! Inês! como diabo vieste a saber que a Antonica da Silva era Benjamim?...



INÊS

Meu padrinho, foi um brinquedo de almas do outro mundo... eu lhe contarei...

MENDES

Prefiro ouvir a lei da providência. (*À parte*) É o filho do Jerônimo!... Deus escreve certo por linhas tortas!... e o brejeiro do sacristão é bonito rapaz!...

INÊS (*tomando a mão de Mendes*)

Meu padrinho!... meu padrinho!...

MENDES

Dou-te a pior das notícias... por ora nem pensar em casamento...

INÊS

Por quê?...

MENDES

Teu pai está furioso contra ti: brigou comigo a tal ponto, que a nossa velha amizade quase ficou estremeçada...

INÊS

Oh! é incrível!...

MENDES

Faze ideia! o compadre foi falar ao vice-rei, e pouco tardará aqui, trazendo ordem para te darem baixa de soldado...

BENJAMIM (*à parte*)

Ai, ai! se eu pudesse dar-lhe alta...

INÊS

E que será então de mim?...

MENDES

Levada deste quartel em cadeirinha vais ser conduzida para o convento de Santa Tereza...

INÊS

Para o convento?... eu freira?... meu padrinho, salve-me!... salve-me!

MENDES

Ah!... o compadre não me atende mais; brigou comigo deveras, e eu nada posso contra a autoridade de um pai.

INÊS

Freira! agora sim, arrependo-me do que fiz; freira!... meu padrinho!... Sr. Benjamim...

BENJAMIM

Senhor Mendes!...

MENDES

Reverendo Antonica!...

BENJAMIM

Quer livrar sua linda afilhada do purgatório do convento?...

MENDES

Quero; mas não sei como...

BENJAMIM

Em cinco minutos. (*A Pestana*) O padrinho da menina me autoriza a levá-la comigo por breves momentos... o senhor deixa?...

MENDES

Eu autorizo.

PESTANA

Não saindo do quartel, fica salva a disciplina. Vá.

BENJAMIM (*a Mendes*)

Distraia este sargento. (*Leva Inês até a porta da sala da arrecadação e à porta dá-lhe o hábito de frade; Inês fecha a porta e Benjamim volta*)

PESTANA

Vão à casa da arrecadação... que arrecadação haverá?

BENJAMIM

Sem dó nem piedade deixou-me em mangas de camisa!... Onde me esconderei. (*Olhando para uma porta*) Tarimba!... Serve por enquanto... (*Entra*)

MENDES

Senhor sargento, desejava falar ao meu amigo Pantaleão da Braga, cirurgião do regimento.

PESTANA

O Despacha?... está dormindo ali (*mostra*) e agora que venha o mundo abaixo, não se acorda.

MENDES

Disso desconfiava eu; conheço-lhe o costume, e tanto que trazia-lhe uma carta para deixar em mão segura.

PESTANA

Quer que lha entregue?...

MENDES

Se me faz favor... (*Entrega-lhe a carta*)

## CENA V

*Mendes, Pestana, mulheres e homens que vão chegando, Inês com o hábito de frade.*

PESTANA (*a Mendes*)

Aí vem a súcia de parentes dos recrutas. (*Volta-se*) Temos gritaria?

INÊS

Vamos, meu padrinho...

MENDES

Oh! esta é de frade!... *(Alto)* Reverendíssimo, eu desejo acompanhá-lo... Sr. sargento, até logo...

PESTANA

Sua bênção, reverendíssimo! *(Inês deita-lhe a bênção e vai-se com Mendes)* Foi *pro formula*: não creio em semelhante fradeco.

## CENA VI

*Pestana, homens e mulheres, depois Benjamim de calções e em mangas de camisa.*

UMA MULHER

Quero ver meu filho!

UM VELHO

Quero ver meu neto.

UMA VELHA

Quero ver meu sobrinho.

VOZES *(ao mesmo tempo)*

Meu filho, meu neto, meu sobrinho!...

PESTANA

Hoje só depois do meio-dia poderão falar aos recrutas: retirem-se!...

TODOS *(cantam)*

É um prender danado

Para soldado!

O povo está sem lei!

E um governo mau

Que leva tudo a pau

O do vice-rei,

PESTANA

Oh, cambada! e quem há de fazer a guerra? (*Sussurro: Pestana gesticula no meio da gente*)

BENJAMIM (*saindo da sala da tarimba*)

A bela Inês foi-se com o padrinho... agora estou em talas... eu podia meter-me entre aquela gente; mas de calções e em mangas de camisa não fujo: (*abrindo portas e olhando*) xadrez... safa... (*Olhando para um quarto*) Oh!... (*Vai à sentinela*) Camarada, quem dorme roncando ali?

SENTINELA

É o Despacha, o velho cirurgião do regimento.

BENJAMIM

E está ainda mais a fresca do que eu...

SENTINELA

E seu costume: mas quem é você?...

BENJAMIM

Vim ver meu irmão que foi recrutado; agora estava admirando como aquele homem ronca. (*Afasta-se e disfarça*) Ora... quem não se arrisca não ganha. (*Entra no quarto*)

CORO

Quem é moço, é recruta;

Sanha bruta

O vice-rei devora

Governo do diabo!

Que dele deem cabo

Em boa hora!

(*Antes de acabar o coro Benjamim sai do quarto com a farda, cabeleira branca, chapéu etc., do cirurgião e vai-se*)

## CENA VII

*Pestana, homens e mulheres, Pina e logo depois Paula.*

PINA

Que motim é este?... soldados! ponham fora essa gentalha! prendam os que não quiserem sair.

*(Movimento de soldados: a gente vai saindo a empurrões de coice de armas, etc.)*

CORO DA GENTE QUE SAI

À el-rei! à el-rei!

A queixa do povo Paula

Contra o vice-rei

Não é caso novo. *(Vão-se. Os soldados saem)*

PINA *(à parte)*

O descontentamento do povo aumenta... o conde da Cunha devia tornar-se mais brando...

PAULA

Não encontrei o Peres nem na casa de negócio, nem no trapiche...

PINA

Pois ei-lo aí: tanto melhor...

## CENA VIII

*Pestana, Pina, Paula, Peres; logo Fr. Simão, uma cadeirinha e carregadores que esperam.*

PERES *(muito grave)*

Trago uma ordem do senhor vice-rei. *(Entrega a ordem)*

PINA *(abre e lê)*

Em poucos minutos farei dar baixa e lhe entregarei o recruta que com o nome de Benjamim... perdão! Sargento Pestana!

PESTANA

Pronto.

PINA

O recruta que te confiei: imediatamente...

PESTANA (*à parte*)

E esta?... não me esqueci!... que estará fazendo ainda na arrecadação?... (*Vai-se*)

PINA (*baixo a Peres*)

O Sr. Peres esteja certo que, adivinhando um segredo... fiz observar aqui o mais profundo respeito...

(*Pestana sai da arrecadação e aflito corre o quartel*)

PERES

Obrigado.

FR. SIMÃO (*cumprimenta*)

Vim rogar que me seja entregue o noviço que nos fugiu do convento...

PESTANA (*trêmulo*)

O recruta... desertou...

PINA

Quê!...

PERES

Fugiu?

FR. SIMÃO

E o noviço?

PESTANA

Esse foi-se logo...

PINA

Chamada geral!... (*Pestana corre para o quartel*) Sr. Peres, hoje mesmo será plenamente cumprida a ordem do senhor vice-rei (*A Paula*) Alferes, siga com soldados de escolha... quero preso o desertor!...

(*Toque de chamada geral, os soldados formam-se: movimento*)

FR. SIMÃO

E o noviço?...

(*Continua o toque e o movimento*)

PINA

Ora, reverendíssimo!... que tenho eu com o noviço? mande uma escolta de frades atrás dele!... (*Fr. Simão benze-se*)

PANTALEÃO (*pondo a cabeça muito calva fora da porta*)

Capitão! não posso acudir à chamada, porque me furtaram todo o fardamento e a cabeleira!...

PINA

Senhor alferes Paula, escolha a escolta e siga. (*Paula obedece*) Sargento Pestana!

PESTANA

Pronto!

PINA

Está preso: recolha-se ao xadrez. (*Pestana aterrado recolhe-se; Paula sai com a escolta*) Sr. Peres, vou proceder a indagações...

PERES

E eu esperarei aqui até a noite pelo cumprimento do seu dever...



FR. SIMÃO

E por fim de contas o noviço?...

PINA

Que teima!... por fim de contas faça de conta que o noviço desnoviciou-se.

VOZES (*em coro dentro*)

À el-rei!... à el-rei!

A queixa do povo

Contra vice-rei

Não é caso novo!...

PINA

Ainda mais isto!... motim do povo!... (*Aos soldados em forma*) Firme!... sentido!... (*Dá um sinal ou ordem; os tambores e cornetas dão sinal de reunião extraordinária, que se mistura com o coro repetido À el-rei, à el-rei*)

## ATO IV

*Sala na casa de Mendes: À esquerda, três janelas com engradamento de madeira e nele postigos à altura dos parapeitos e outros rentes com o assoalho; porta de entrada, ao fundo; portas à direita, mobília do tempo.*

## CENA I

*Mendes e Inês com vestido de seu sexo e logo Benjamim.*

MENDES

Estou reduzido a ama-seca!

INÊS

Sou-lhe pesada, meu padrinho, bem o vejo.

MENDES

Tu não pesas nada, a começar pela cabeça, que é de vento; mas quebraste-me as pernas: não posso sair, deixando-te só...

INÊS

Mas meu padrinho podia ao menos escrever a alguns amigos seus...

MENDES

Escrever o quê?...

INÊS

Bem sabe... a favor... dele... (*Vergonhosa*)

MENDES (*à parte*)

Não faz mais cerimônias!... e eu que ralhe!... ora... seria ralhar com a natureza!...

INÊS

Que diz, meu padrinho?... escreve?...

MENDES

Preciso antes de tudo livrar-te da fúria do compadre...

INÊS

Sim... por certo: entretanto... Benjamim deve estar em torturas naquele quartel...

MENDES

Hei de ocupar-me dele... mas ainda não jantaste...

INÊS

Não tenho fome... pobre Benjamim!

MENDES

Benjamim!... Benjamim! come alguma coisa, menina...

INÊS

Não posso... é impossível, meu padrinho.

*(Sussurro, movimento na rua)*

MENDES

Que será isto?... *(A um postigo algo)*

INÊS

Também quero ver... *(Indo)*

MENDES

Sim... mostra-te ao postigo... teu pai...

INÊS *(recuando)*

Ah! tem razão.

VOZES *(dentro)*

Viva o vice-rei! viva o Conde da Cunha!...

MENDES

Que berraria! homens e mulheres a valer!

CORO *(que vai passando)*

Já temos amparo,

Providência e lei...

Viva o pai do povo!...

Viva o vice-rei!...

VOZES

Viva o Conde da Cunha!... viva!...

INÊS

Maldito seja esse vice-rei!...

*(O povo segue cantando)*

MENDES

Eis aí o que é o povo! hoje de manhã bradava contra... depois do meio-dia canta a favor!...

INÊS

E o infeliz Benjamim nas garras do vice-rei!...

## CENA II

*Mendes, Inês, e Benjamim ainda fardado.*

BENJAMIM (*precipitado*)

Quem foge, não pede licença...

INÊS

Oh!...

BENJAMIM

Oh!

MENDES

Homem, você tem faro de cachorro!... mas que imprudência... esta porta aberta?... (*Vai trancá-la*)

INÊS (*alegre*)

Como pode escapar, Sr. Benjamim?...

BENJAMIM

Descobri num quarto um oficial velho a dormir... furtei-lhe o fardamento, que despira, e também a cabeleira e o chapéu... e saí do quartel a marche-marche...

MENDES

E descobriu também logo a minha casa pela regra de que o diabo ajuda os seus!...

BENJAMIM

Oh! o diabo, não! desta vez quem me ajudou foi... mesmo o Sr. Mendes...

MENDES

Eu?... como é que eu fui o diabo?...

BENJAMIM (*canta*)

Andava em corrida  
Por onde não sei,  
Sem pedir guarida,  
Sem saber de mim;  
Mas longe avistei  
Pior que um malsim,  
Uma grande escolta  
Lá do regimento;  
Faço meia volta,  
Logo em seguimento  
Entro em cadeirinha  
Caminha!... caminha!...  
Vou sempre dizendo  
Talvez meia hora...  
Escuto fervendo  
O povo a gritar...  
Exponho-me a olhar...  
Que belo!... é agora  
Patuleia grossa,  
Viva o vice-rei!  
Cadeirinha fora.  
Meto-me na troça  
Viva o vice-rei!  
E na troça a andar  
Aqui ao passar  
Descubro ao postigo  
Daquela janela  
Cabeça de amigo;  
É o Mendes! digo,  
Escapo à sequela

E zás... corredor;  
A escada subi...  
E enfim eis-me aqui  
Entregue ao senhor.

INÊS  
Meu padrinho foi a providência!...

MENDES (*à parte*)  
Logo vi que ela descobria a providência nesta nova embrechada!  
(*Alto*) E agora?...

BENJAMIM  
É nítido: ou me asila, ou me despede; se me despede, torno para o quartel, para os franciscanos não volto.

INÊS  
Asila, meu padrinho, asila, e sabe melhor do que nós o que há de fazer. Já jantou?...

BENJAMIM  
Qual! e confesso... estou morrendo de fome!...

MENDES  
Ela resolve todas as questões, e decide da minha vontade, como se talhasse um vestido.

INÊS  
Eu também tenho muita fome. Meu padrinho, vamos jantar?...

MENDES (*à parte*)  
Então?... chegou-lhe de repente o apetite!... o rapaz curou-a do fastio! (*A Inês*) Eu jantei, enquanto estavas tomando os vestidos do teu sexo. Comam alguma coisa... isso não é jantar... é um petisco. (*Os dois sentam-se*)

INÊS (*enquanto Benjamim serve*)

Isto aqui é céu aberto!... meu padrinho tem tudo, e até uma menina sua vizinha, que é por força do meu corpo, e que lhe emprestou vestido completo para mim...

(*Comem*)

BENJAMIM

A senhora não repare no meu assanhamento devorador... no convento puseram-me de penitência!...

INÊS

Coma... não se vexa... (*Come*)

BENJAMIM

Como... como... (*Comendo*) O vestido da vizinha assenta-lhe muito bem... (*Comendo*)

MENDES (*à parte*)

Que dois pombinhos!... é natural! o compadre que vá plantar couves; ele fez a mesma coisa com a comadre.

INÊS

Viva meu padrinho! (*Toca no copo*)

BENJAMIM

Viva o nosso anjo protetor! (*Bebe*)

MENDES

Obrigado. (*À parte*) Fazem-me pau de cabeleira; mas eu deito-lhes água na fervura. (*A Inês*) E se chegar teu pai com a cadeirinha?...

INÊS (*levanta-se*)

Meu padrinho me defenderá.

MENDES

Teu pai tem a lei por si.

INÊS

Sou capaz de atirar-me da janela abaixo.

BENJAMIM

E eu logo atrás: juro-o! doravante o que ela fizer, eu idem!...

VOZES (*dentro*)

Viva o vice-rei! viva o Conde da Cunha.

BENJAMIM

E a troça que volta. (*A Inês*) vamos acabar de jantar.

INÊS

E maldito seja o vice-rei! (*Vão para a mesa*)

CORO (*dentro*)

Viva o vice-rei

Nosso protetor!

Viva o pai do povo

Viva o benfeitor.

(*O coro passa*)

BENJAMIM

Oh, pois não!... o Conde da Cunha é boa joia. (*Come*)

MENDES (*à parte*)

Só o amor honesto e puro merece proteção: Inês está deveras apaixonada; mas... quero fazer uma experiência...

BENJAMIM

Dá licença que eu faça uma saúde à sua linda afilhada?

MENDES

Homem, faça quantas saúdes quiser com a condição de não me pedir licença. (*À parte*) Que diabo de papel querem eles que eu represente!



BENJAMIM

Senhora Inês... não digo mais nada! (*Bebe*)

INÊS

Senhor Benjamim... (*Bebe: levantam-se*)

MENDES

Vamos agora ao positivo: eu só vejo um recurso para vocês dois.

INÊS

Proposto por meu padrinho, aceito-o de olhos fechados.

MENDES

Vou alugar já um barco: vocês fogem nele para Macacu, e, lá chegados, tratam logo de casar-se...

BENJAMIM (*olhando Inês*)

Espero... que ela fale... já o disse, eu atrás... sempre idem! (*À parte*) Se ela quisesse!...

INÊS

Perdão, meu padrinho!... (*Triste*) Não fugirei com um homem que ainda não é meu marido.

BENJAMIM (*à parte*)

E então?... olhem, se eu me adianto!... nada: agora é sempre depois! o que ela fizer eu idem!.

MENDES (*abraçando Inês*)

Reconheço-te! (*Aperta a mão de Benjamim*) Respondeste, como devias, rapaz! muito bem!...

BENJAMIM

Ora!... pode crer que sou homem muito sério! (*À parte*) Olhem, se eu me adianto...

MENDES

Podem contar comigo: Inês, hei de casar-te com o... filho do Jerônimo...

INÊS

Mas quem é o filho do Jerônimo?

BENJAMIM

Não é ninguém... sou eu mesmo

INÊS

Oh, padrinho!... (*Beija-lhe a mão e abraça-o*) Sr. Benjamim, cantemos, saudando a nossa felicidade!...

BENJAMIM

Pronto!... cantemos...

MENDES

Vocês já me encantaram bastante; mas cantem! cantem!...

INÊS (*canta*)

Amor é flama ardente: mas cuidado  
tenho no fogo ativo;  
Amo; mas meu amor é sem pecado;

Sou moça de juízo  
E assim gozo o encanto  
Do amor que é puro e santo.

BENJAMIM

Amor é flama ardente, e me devora  
Como fogo em palheiro;  
Sou porém rapaz sério, que ama, adora

E nunca foi gaiteiro,  
Eu amo apaixonado;  
Mas puro... sem pecado.

MENDES

Assim é que é... honestidade sempre...

INÊS

Certa é nossa dita

BENJAMIM

Do céu é favor!...

BENJAMIM e INÊS

Padrinho, padrinho

Nós temos juízo!...

Abençoe o siso

Deste nosso amor!...

Padrinho, padrinho,

Abençoe amor!...

MENDES (*à parte*)

E o brejeiro do Antonica da Silva também já me chama padrinho!...

(*Alto*) Pois lá vai... isto é sério: (*deita a bênção aos dois*) E agora quer

sim, quer sopas, senhor compadre Peres! (*Batem na escada*) Oh!

diabo! se fosse ele!... (*Indo à porta*) Quem me honra?...

PANTALEÃO (*dentro*)

Pantaleão de Braga.

MENDES

Oh! meu velho Pantaleão!... entra!... (*Abre a porta*)

### CENA III

*Mendes, Inês, Benjamim e Pantaleão, de capote de escocês, calções, em manga de camisa, sem cabeleira, e de alto chapéu de Braga.*

PANTALEÃO (*à porta*)

Se não fosse à urgência da tua carta, eu não vinha cá tão cedo. (*Abre o capote*) Vê a miséria em que me deixaram.

MENDES

Como foi isso?...

PANTALEÃO

Apanharam-me dormindo no quartel e furtaram-me todo o uniforme e a cabeleira!...

BENJAMIM (*a Inês*)

É a minha vítima! eis-me em nova entalação.

MENDES

Entra. (*Trancando a porta*) Fase de conta que o rapaz é meu filho... quanto à menina...

PANTALEÃO (*tirando o chapéu*)

Oh!... a menina Inês!... a travessa!... (*Inês cumprimenta de olhos baixos*) Senhor... senhor... (*Fica embasbacado, olhando para Benjamin*)

MENDES

Que é?... ficaste de boca aberta. Pantaleão?...

BENJAMIM (*depois de alguns momentos despe a farda, tira a cabeleira, e as entrega com a espada e o chapéu a Pantaleão*)

O senhor pode emprestar-me o seu capote?

MENDES (*rindo*)

Ah! ah! ah!... entendo agora o caso!... empresta-lhe o capote, Pantaleão!... o que o rapaz fez não foi por mal... eu te contarei tudo...

PANTALEÃO

Então empresto o capote. (*Farda-se, toma a cabeleira, etc.; Benjamin veste o capote*) A tua carta me foi entregue, quando (*pondo a mão no ombro de Inês*) já estava lavrada a baixa do soldadinho, a pesar de desertor...

MENDES

E o verdadeiro Benjamim?

BENJAMIM

É verdade, o Benjamim verdadeiro?... estou curioso de saber o que é feito desse bargante...

PANTALEÃO

Frades por um lado, e soldados por outro dão-lhe caça; mas agora... a cidade está em festa...

MENDES

Sim... grande vozeria e cantos: que novidade há? (*Os três chegam-se a Pantaleão*)

PANTALEÃO

Pois não sabem?... O vice-rei acaba de publicar pelas esquinas das ruas ordem para se casarem todos os homens solteiros em idade de tomar esse estado sob pena de recrutamento...

INÊS

É uma lei muito sábia!

BENJAMIM

Eu idem. É muito sábia!...

PANTALEÃO

E isentando do serviço militar os já designados para recrutas, e os próprios recrutas que ainda não assentaram praça e que tiverem noivas que com eles queiram casar...

INÊS

Viva o vice-rei Conde da Cunha!...

BENJAMIM

Viva o conde da Cunha vice-rei!...

MENDES (*muito alegre*)

Benjamim, estás livre!...

PANTALEÃO

É o Benjamim!... fizeste muito bem em me furtar o fardamento!...

MENDES

Agora o único embaraço é o compadre...

PANTALEÃO

Está desatinado; brigou comigo no quartel; porque procurei consolá-lo... brigou com o capitão Pina... brigou...

MENDES

Hei de ensiná-lo. Pantaleão, podes ir já falar ao bispo em meu nome, e voltar aqui em meia hora?

PANTALEÃO

Estás maluco?... não sabes que o bispo anda em visita de paróquias e foi para Minas?...

MENDES

Ora... é verdade... saiu há dois dias... que fazer?...

PANTALEÃO

Homem, cai-te a sopa no mel! o vigário geral ficou com o expediente do bispado...

MENDES

Oh! o cônego Benedito!... o nosso parceiro da manilha!... Pantaleão dá um pulo à casa do Benedito... conta-lhe toda a história de Inês e de Benjamim... e diz-lhe que vá esperar-me já... em vinte minutos... na igreja... na igreja...

PANTALEÃO

Do Rosário, que lhe fica a dois passos, e que é a do Cabido...

MENDES

Sim... na igreja do Rosário...

INÊS

Para que, meu padrinho?

MENDES

Para conceder todas as dispensas, e casar-te ele mesmo com o Benjamim...

INÊS

Ah!

BENJAMIM

Pronto! (*À parte*) Agora adiantei-me.

MENDES (*a Pantaleão*)

Ainda aqui!... vai!

PANTALEÃO

O Peres é capaz de estrangular-me!

MENDES (*empurrando-o*)

Vai depressa, ou não prestas para nada... anda!

PANTALEÃO

Pois não era melhor irmos já todos à casa do cônego?

MENDES

Sim!... muito bem lembrado... vamos todos. Vá chamar uma cadeirinha para levar Inês...

PANTALEÃO (*ao postigo*)

Ali estão duas...

MENDES (*a Inês e a Benjamim*)

Vamos... não há tempo a perder...

INÊS

Meu padrinho... hei de ir casar-me sem levar ao menos véu de noiva?...

BENJAMIM

Senhor Mendes, quer que eu vá casar-me de capote e sem cabeleira?

MENDES

E se chegar o compadre com a cadeirinha?

INÊS

Já, padrinho!... *(Batem na escada)*

Oh!...

MENDES *(a porta)*

Quem é?...

JOANA *(dentro)*

Sou eu, compadre!...

MENDES

Ah, comadre!... num instante. *(A Inês) Entra aqui, menina! (Inês entra num quarto à direita; Mendes tranca a porta e tira a chave) O senhor aqui... (A Benjamim)*

BENJAMIM

Quanto luxo de salas e de acomodações! o noivo e a noiva cabiam muito bem num quarto só.

MENDES

Ande. *(Benjamim entra; Mendes tranca a porta)* Eu sei lá, se a comadre está de acordo com o marido! *(A Pantaleão)* Ela entra, e tu sais; agora é força mudar o plano. Traze-me já contigo o nosso Benedito. *(Vai abrir a porta)*



## CENA IV

*Mendes, Pantaleão que sai, Joana e Brites.*

MENDES

Desculpe a demora, eu despedia o Pantaleão... Comadre! menina Brites... (*Saudando*)

PANTALEÃO

Minha senhora!... menina!... (*Cumprimentam-se*) Eu ia sair... (*Saúda e vai-se; Mendes fecha a porta*)

JOANA

Compadre! e minha filha?... sua afilhada?...

MENDES

Quando cheguei ao quartel de Moura, já Inês tinha dali fugido! é uma doida de pedras!...

JOANA

E; mas agora... eu contava tanto com o compadre!...

BRITES

Senhor Mendes... a nossa esperança era a sua proteção...

MENDES

Comadre, seu marido quer por força levar Inês para o convento de Santa Tereza...

JOANA

Já sei... e é sem remissão!... oh! coitada de minha filha!...

MENDES (*à parte*)

Bom! bom! (*Alto*) ela merece todos os castigos!... mas sendo freira, não fica por isso menos desacreditada!...

BRITES

E meu pai ameaçou-me com igual destino.

MENDES

Não é só ameaça; é resolução formada.

BRITES

Defenda-nos Sr. Mendes; pelo amor de Deus defenda-nos! eu então que não fiz nada!...

JOANA

Mas onde estará a desgraçada!

MENDES

Criminosa! muito criminosa!...

JOANA

Oh!... também o senhor contra ela?... que é do seu amor de padrinho?... oh, minha filha!

MENDES

E que a comadre não sabe que Inês cometeu outro crime...

JOANA

Qual?... qual?...

MENDES

Fugiu do quartel em companhia de Benjamim!...

JOANA

Ah, maldito sedutor!...

MENDES

Já vê que não há perdão para essa menina... desmiolada... não há... eu voto contra o convento; mas... cinco anos pelo menos no recolhimento do Parto...

JOANA

Oh!... algozes de minha filha!...

MENDES

Isso é fraqueza maternal! olhe: hoje ou amanhã apanham e prendem o casal desmoralizado... o casal não casado!... não pode haver perdão... não pode... não pode...

JOANA

Pode! no coração da mãe há sempre perdão e amor para a filha infeliz!... oh! só encontro algozes... mas... (*A Mendes*) saiba... esta mulher fraca humilde... submissa... agora é leoa enfurecida... eu vou correr pelas ruas... (*Inês bate na porta do quarto*) hei de achar Inês!... hei de achar minha filha! (*Querendo sair*)

INÊS (*dentro*)

Mamãe!... mamãe!... estou aqui...

JOANA

Minha filha!... (*Ao mesmo tempo e tido sabendo donde vem a voz*)

BRITES

Inês!...

MENDES (*dando a chave*)

É ali... é ali... (*Mostrando, e querendo chorar*) Tabaco... tabaco... (*Toma tabaco*)

JOANA (*abre a porta*)

Minha filha!... (*Abrindo os braços*)

## CENA V

*Mendes, Joana, Brites, Inês e logo Benjamim.*

INÊS

Mamãe!... (*Abraçam-se chorando*)

BRITES

Inês! Inês!...

INÊS

Brites!... (*Abraçam-se*)

JOANA (*ajoelhando diante de Mendes*)

Anjo do céu!

MENDES (*muito comovido levanta-a*)

Comadre... não faça isso... ah!... eu acabo com as ternuras!!... olhem que falta o epílogo da novela. (*Abre a porta do outro quarto*) Sai, epílogo!

BENJAMIM (*saindo: diz à parte*)

Vou apreciar o efeito da minha inocente aparição. (*Fingindo vexame*)

Ai! duas caretas!... (*De olhos baixos*)

JOANA

Oh!... o senhor... (*Com ressentimento e dureza*)

BRITES (*com desagrado*)

O senhor!...

BENJAMIM (*à parte*)

A resposta lógica era-as senhoras!... mas não respondo, não; o calado é o melhor.

MENDES

Comadre, sem ele o casal ficava incompleto...

JOANA

Que é isto de casal, compadre?...

MENDES

Não é ainda: mas vai ser casal; se pode arranjar de outro modo as coisas dignamente para Inês, diga o meio, e eu faço voltar para Macacu o Antonica da Silva.

JOANA

Compadre, não me ponha em funduras com o Peres!

MENDES (*batem com força*)

Há de ser o Pantaleão com o cônego. (*À porta*) Quem bate?...

PERES (*dentro*)

Sou eu, Mendes. (*Voz grave; movimento geral*)

INÊS

Meu padrinho... meu padrinho...

MENDES (*a Inês e Benjamim*)

Escondam-se onde estavam. Tranque as portas, comadre. (*Vai ao postigo; os dois escondem-se; Joana tranca as portas; mas deixa as chaves*) O selvagem trouxe a cadeirinha, mas não me dou por vencido. (*Abre a porta*) Entra, Peres.

## CENA VI

*Mendes, Joana, Brites e Peres.*

PERES (*entra olhando para todos os lados*)

Que vieram fazer aqui?... (*A Joana e Brites com dureza*)...

JOANA

Peres, sou mãe, vim pedir ao compadre notícias de minha filha.

BRITES (*a tremer*)

Meu pai, eu acompanhei mamãe.

MENDES (*à parte*)

Quero só ouvir o que lhes diz o bruto.

PERES

Eu tinha ordenado que não saíssem de casa: quiseram dar-se em espetáculo!... (*Áspero*)

MENDES (*saudando*)

Muito boa tarde, compadre.

PERES

Não vim fazer cumprimentos; vim dizer-te que me hás de entregar Inês... e já!...

MENDES (*tirando a caixa*)

Compadre, toma tabaco.

PERES

Soube enfim o que se passou: a perversa fugiu do quartel com um velho, a quem chamava padrinho; é claro. Trouxeste-a contigo. Quero que me entregues Inês!

MENDES

Peres, vai dormir, e volta amanhã.

PERES

Não me provoques... vê bem!... eu estou fora de mim...

MENDES

E queres que eu entregue minha afilhada a um homem que está fora de si?... compadre, toma tabaco...

PERES

Velho imoral e petulante!...

JOANA

Peres!... é o nosso compadre... o padrinho de minha filha...

PERES (*violento*)

Inês não é tua filha!... a per...ver...sa!... farei dela o que eu quiser... filha?!!! pois bem: é... filha de mim só!...

MENDES

Compadre, isso é asneira! como poderias ter essa filha, tu só e sem concurso da comadre?

PERES (*furioso*)

Desgraçado!... quero levar Inês... hei de descobri-la aqui.

MENDES

Pois eu seria tão tolo que trouxesse Inês para a minha casa?... procura-a... anda... (*Inês espirra*)

PERES (*voltando-se*)

Alguém espirrou... foi ela! (*Comoção de Mendes, Joana e Brites*)  
Onde?...

MENDES

Ora, que ilusão!... compadre, ninguém espirrou! Não tens a quem dar *dom inus tecum!*

(*Inês espirra*)

MENDES

Que espirro fatal! antes Inês não tivesse nariz- mas eu vou recorrer a uma moratória. (*Vai-se*)

## CENA VII

*Joana, Brites, Peres e Inês quase arrastada.*

PERES

Estás em meu poder, filha indigna! vem... vem!...

INÊS (*quase sufocada*)

Mamãe!...

JOANA

Peres! é minha filha!... perdão!...

BRITES

Meu pai!...

PERES (*perto da porta da escada*)

Arredem-se desonrou-se... desonrou-me... seja-lhe sepultura o convento!

### CENA VIII

*Joana, Brites, Peres, Inês e Mendes.*

MENDES

Podes levá-la, compadre; mas olha, que arrastando-a pelas ruas que estão cheias de povo, vais expor-te e expô-la às zombarias e às risadas de todos...

PERES

Se ela pusera cabeça fora da cadeirinha, mato-a!...

MENDES (*rindo*)

E que, abusando do teu nome, mandei embora a cadeirinha... teus escravos me obedeceram... e foram-se.

PERES

Padrinho corrompido e corruptor!... não faltam cadeirinhas de aluguel a passar, e vê o que faço a teu despeito e em tua própria casa. (*A Inês*) Filha amaldiçoada, espera aqui! (*Abre a porta do quarto onde está Benjamim: empurra Inês para dentro tranca a porta e tira a chave*)

JOANA

Peres, aí não, Peres!...



*(Mendes puxa Joana)*

BRITES

Meu pai! nesse quarto, não!

*(Mendes puxa Brites)*

PERES *(ao postigo)*

Há de passar alguma cadeirinha...

JOANA

Peres! não sabe o que fez!... *(Mendes puxa-a)*

MENDES *(as duas)*

Calem-se!... estão entornando o caldo...

JOANA

Minha filha não pode estar trancada... ali...

BRITES

Não pode, meu pai; atenda!...

PERES *(ao postigo)*

Pode e quero!... está muito bem... está perfeitamente naquele quarto! é minha vontade que ali fique... uma, duas horas até que passe uma cadeirinha!

*(Joana e Brites agitadas)*

MENDES

Aprovo, compadre, aprovo, e tomo tabaco. *(Toma)*

## CENA IX

*Joana, Brites, Peres, Mendes, Pantaleão, Cônego Benedito e logo, Inês e Benjamim.*

PANTALEÃO

Eu e o nosso amigo cônego Benedito.

*(Entram)*

MENDES *(a Benedito)*

Chegou a propósito, meu vigário geral!

BENEDITO *(aperta a mão de Mendes)*

Senhora Joana! menina Brites! *(Cumprimenta)*

PERES

Cônego! *(Vem apertar-lhe a mão)*

BENEDITO

Peres!... sei que aflição te consome; há, porém, na igreja remédio para todos os sofrimentos. Que é da menina Inês, contava com ela aqui... e vim...

PERES

Inês está trancada por mim naquele quarto; mas quem dispõe do seu destino, sou eu só,

MENDES

Tal e qual, meu amigo, e tanto que ele trancou-a no quarto, deixando-a fechada e só com o seu namorado!...

PERES

Oh!... calúnia infame!... *(Abre a porta do quarto e saem dele Inês e Benjamim)* Miserável! *(A Benjamim, Benedito sustem Peres)*

BENJAMIM

Oh, e esta? tenho eu a culpa de que o senhor trancasse a menina no quarto, onde eu estava tão sossegado!...

BENEDITO

Vem cá, Peres!... (*A um lado*) Não estás vendo, que a providência o quer?...

PERES

Juro que não sabia... que ele estava lá...

BENEDITO

Mas à vista de nós todos... tua filha trancada por ti nesse quarto... saiu dele com um mancebo que a ama, que é amado por ela, Peres!...

MENDES

E que mancebo!... o filho do teu amigo Jerônimo, que te salvou a vida!... (*Aos dois*)

PANTALEÃO

E que ideia! estamos juntos os quatro parceiros do costume... depois do casamento jogaríamos a nossa manilha!...

PERES

Compadre, dá cá tabaco!

MENDES (*dando-lhe*)

Toma! toma! eu tenho plena confiança no teu nariz...

BENJAMIM

Bela Inês!... a nossa felicidade vai sair daquela pitada... estou quase indo também pedir...

INÊS (*a Benjamim*)

Não quero... é muito feio... não desejo que o senhor se acostume.

BENEDITO

E então?... Peres!...

PERES

Inês... minha filha, perdoo-te!... abençoo-te!... (*Chorando*) Nem  
pensas, como isto é doce!... Benjamim!... manda dizer a Jerônimo  
que és meu filho!... Joana!... minha santa velha!...

(*Abraçam-se Inês, Joana, Benjamim e Peres*)

BRITES (*radiosa*)

E eu também livre do convento!...

MENDES

E agora eu, senhor malcriado e insolente compadre Peres!... (*Muito  
comovido*)

PERES (*abraçando Mendes*)

Mendes!... Mendes!... (*Chorando*) dá-me mais tabaco!...

(*Enquanto Joana Brites, Inês, Benjamim, Pantaleão e Benedito se abraçam*)



**Iba Mendes Editor Digital**

**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**